

## ARTIGOS

Rafael Tizatto dos Santos <sup>I</sup>

Josilaine Antunes Pereira <sup>II</sup>

### Migração e trabalho: a condição da população haitiana em Lages-SC<sup>1</sup>

Migration and work: the condition of the Haitian population in Lages-SC



#### RESUMO:


Este artigo analisa o processo migratório de haitianos para o município de Lages, estado de Santa Catarina, com um enfoque nas relações de trabalho. O estudo apoia-se em autores que dialogam com o tema proposto, especialmente através do pensamento marxista haitiano, oferecendo uma perspectiva materialista enraizada em uma crítica anticolonial. O Haiti, envolto em uma sequência de crises econômicas, tensões sociais e intervenções coloniais e imperialistas, testemunha um movimento histórico de emigração, que se direciona ao Brasil após o devastador terremoto de 2010. Dentro desse contexto, o município de Lages/SC recebe um expressivo grupo de migrantes haitianos. O fenômeno migratório haitiano inicia-se no município liderado por homens, inseridos em trabalhos industriais, estes assumem a responsabilidade de angariar recursos para trazer seus familiares e manter financeiramente aqueles que ficaram no Haiti. Posteriormente, o fluxo migratório passa a ocorrer com mulheres e crianças familiares dos migrantes residentes no município. Relatos apontam que há uma superexploração da força de trabalho dos migrantes no contexto laboral de Lages/SC, bem como a presença de discriminação racial nestes ambientes. Essa investigação busca evidenciar a condição da população haitiana no município de Lages/SC de maneira crítica, a fim de promover a visibilidade dos migrantes neste território.


**Palavras-chave:** Migração e trabalho; População haitiana; Migrantes em Lages-SC

#### ABSTRACT:

This article analyzes the migration process of Haitians to the municipality of Lages, in the state of Santa Catarina, with a focus on labor relations. The study is based on authors who dialogue with the proposed theme, especially through Haitian Marxist thought, offering a materialist perspective rooted in an anti-colonial critique. Haiti, embroiled in a sequence of economic crises, social tensions and colonial and imperialist interventions, is witnessing a historic movement of emigration, which is heading towards Brazil after the devastating earthquake of 2010. Within this context, the municipality of Lages/SC receives a significant group of Haitian migrants. The Haitian migration phenomenon began in the municipality, led by men working in industrial jobs, who took on the responsibility of raising funds to bring their families and financially support those who remained in Haiti. Later, the migratory flow began to include women and children, relatives of the migrants living in the municipality. Reports indicate that there is overexploitation of the migrant workforce in the Lages/SC labor context, as well as the presence of racial discrimination in these environments. This investigation seeks to highlight the condition of the Haitian population in the municipality of Lages/SC in a critical way, in order to promote the visibility of migrants in this territory.

**Keywords:** Migration and work; Haitian population; Migrants in Lages-SC

<sup>I</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense; Professor, Secretaria de Estado da Educação, Lages, SC, Brasil. [rafaeltizatto@uniplaclages.edu.br](mailto:rafaeltizatto@uniplaclages.edu.br),  <https://orcid.org/0000-0003-4833-9743>

<sup>II</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professora, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, SC, Brasil. [antunesjo@uniplaclages.edu.br](mailto:antunesjo@uniplaclages.edu.br),  <https://orcid.org/0000-0002-9990-0919>

## INTRODUÇÃO

No âmbito histórico, o Brasil consolidou-se como um ponto de convergência para diversos fluxos migratórios oriundos de diferentes partes do mundo, impulsionados por uma complexa interação de fatores naturais, políticos e econômicos. Desde os primórdios do século XVI até o século XXI, esses movimentos migratórios têm desempenhado um papel fundamental na formação da rica e diversificada composição étnica do país, refletindo as mudanças e desenvolvimentos econômicos ao longo dos períodos históricos.

À medida que adentramos o século XXI, o Brasil emerge como destino para um novo e significativo fluxo migratório, com os haitianos buscando uma nova chance de reconstruir suas vidas em terras brasileiras. Essa migração contemporânea é profundamente influenciada por uma série de fatores, que vão desde as instabilidades políticas e econômicas no Haiti, frutos do processo colonialista e de intervenções imperialistas, e particularmente, pelo devastador terremoto que assolou a ilha caribenha, em 2010. O Haiti enfrentou distintos processos de exploração capitalista ao longo dos séculos o que, atualmente, coloca o país com um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) no mundo, o menor do continente americano, e uma série de problemas socioeconômicos, políticos e institucionais.

Além do passado histórico entrelaçado dos países latino-americanos, baseados na colonização de exploração, no trabalho escravizado e na posterior economia dependente, a relação entre Haiti-Brasil se intensifica a partir da contraditória Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), capitaneada pelo exército brasileiro, entre 2004 a 2017. O fluxo migratório haitiano se inicia, de forma expressiva em 2010, e, em 2014, o município de Lages/SC passa a integrar este fenômeno.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa para analisar o fenômeno migratório da população haitiana em direção ao município de Lages/SC. A análise, baseada em estudos migratórios sobre o tema e, em entrevistas semiestruturadas<sup>2</sup> conduzidas como parte da dissertação do autor, é fundamentada no materialismo histórico-dialético em uma perspectiva anticolonial e caribenha, buscando um diálogo abrangente com acadêmicos haitianos. Inicialmente, o estudo explora o pensamento marxista haitiano como seu arcabouço teórico e método epistemológico. Em seguida, examina os contextos sociais, políticos e econômicos da história do Haiti. Posteriormente, focaliza nos aspectos do processo migratório da população haitiana para o Brasil, especificamente para Santa Catarina e, mais detalhadamente, para o município de Lages. Os relatos das entrevistas com os haitianos participantes concentram-se especialmente nas dinâmi-

cas laborais. Por fim, são apresentadas as conclusões derivadas deste estudo.

## O PENSAMENTO MARXISTA

### HAITIANO

O alicerce teórico desta pesquisa foi construído em contato com o *pensamento marxista haitiano*, que parte do conceito materialista histórico-dialético em constante alargamento epistemológico ao incorporar as lutas anticoloniais e raciais à análise social (Cadet, 2020). Essa ampliação epistemológica possibilita o diálogo entre diferentes correntes teóricas na busca de convergências pontuais. Assim, reconhece-se a importância de outras linhas epistemológicas, especialmente aquelas que colocam as lutas dos povos historicamente marginalizados em destaque, como agentes de sua própria história, muitas vezes apagada pelos processos coloniais.

Para Cadet (2020) o pensamento marxista haitiano teve como precursores Jacques Roumain, um dos fundadores do Partido Comunista Haitiano, em 1934, e, posteriormente, René Depestre e Gérard Pierre-Charles, entre os anos 1950 e 1980. Nesta perspectiva, busca-se desenvolver o diálogo histórico marxista com concepções endógenas para compreender a realidade desta sociedade caribenha. Cadet (2020) identifica três pilares fundamentais para o desenvolvimento do pensamento

marxista haitiano: castrismo, teoria marxista da dependência e conceito de negritude.

Castrismo trata-se da influência da Revolução Cubana e das ideias de Fidel Castro e como essas moldaram a visão anticolonialista do pensamento marxista haitiano. Para Tablada (2017, p. 23):

A Revolução de 1959 foi contra todo o saber e as verdades estabelecidas no Ocidente, na esquerda e na academia. Cuba era o único país do mundo onde era impensável que se desse, triunfasse e se desenvolvesse uma revolução anti-imperialista, que conquistasse a independência, a soberania e onde se fundassem e crescessem instituições populares inéditas de verdadeira participação popular, tanto na defesa quanto na distribuição do produto social nos anos de 1960.

Na Teoria Marxista da Dependência, desenvolvida por intelectuais como Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambilra, entre outros, esse campo de estudos propõe a investigação da dependência não como elemento externo, mas como um conjunto de determinações particulares da reprodução capitalista na América Latina (Carvalho, 2021). A análise das relações de dependência entre países centrais e periféricos contribuiu para a compreensão da realidade de exploração e marginalização do Haiti.

No Conceito de Negritude, a valorização da cultura e identidade afro-caribenha se tornou um elemento central para a construção de uma epistemologia anticolonial. Segundo Ndombele (2015, p. 49):

A palavra Negritude surgiu como a expressão de uma reivindicação contra a situação imposta pela administração colonial. A negritude é um movimento reivindicativo que conheceu vários arautos na década 30, dentre os quais destacaremos: Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor, Leon Damas nos quais sob pisadas do patrono do renascimento fundaram a revista *“l'étudiant noir”*, assim a palavra negritude aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire em 1938, no seu livro de poemas *“Cahier d'un retour au pays Natal”* através da literatura estes arautos do movimento negritude, enaltecem a cultura negra que foi vilipendiada pela administração colonial sob forma de preceitos de inferioridade, julgamos que a ignorância em relação à história dos povos africanos em particular e dos negros em geral, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre as duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do africano e suas aptidões intelectuais, assim sendo o negro tornou, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica.

Além dos três pilares descritos acima, a articulação entre as lutas de classe, modos de produção e a alienação pós-colonial engendram o pensamento marxista haitiano. Assim, Cadet (2020, p. 10, tradução livre) afirma que “o método haitiano de leitura das obras de Marx” parte de uma “destilação do pensamento”, a fim de eliminar “impurezas relacionadas ao eurocentrismo”, assumindo um caráter descolonizador sem abandonar a complexidade da crítica ao modelo econômico capitalista em suas diferentes etapas.

A compreensão da realidade haitiana sob a ótica materialista exige a análise de questões endógenas que engendraram a identidade desta nação. Marcada pela migração forçada de africanos, essa identidade é explorada por René Depestre através do conceito de “zumbificação”, uma reinterpretção da “alienação” proposta por Marx, com adaptações vinculadas a figura central do Vodou, religião oficial do Haiti que possui forte herança histórica africana (Grondin, 1985). Em linhas gerais, “alienação” refere-se à ação ou estado em que um indivíduo, grupo ou sociedade se torna alheio aos resultados e produtos de sua própria atividade (Bottomore, 2001). Depestre (1984) em sua leitura anticolonial, aprofunda o conceito, definindo “zumbificação” como a transformação de seres humanos vivos em “mortos-vivos”. Com essa crítica, ele denuncia os efeitos do capitalismo, da escravidão e do colonialismo na sociedade haitia-

na, que confiscaram a força de trabalho, a alma e a razão do povo.

Não é por acaso que o mito do Zumbi, conforme se conta no Haiti, é conhecido também nos outros países da América. O escravo foi literalmente um resto de homem, um zumbi, a quem o capitalismo comercial roubou e confiscou, além de sua força de trabalho, sua alma e sua razão, a livre disposição de seu corpo e suas faculdades mentais. No processo americano de produção e de zumbificação, houve uma dupla metamorfose: a metamorfose clássica de uma relação social em uma relação entre coisas; a metamorfose de uma relação entre escravos e mestres (que já se encontrava na escravidão antiga) em uma relação, mais fetichizada, entre “negros” e “brancos” (Depestre, 1984, p. 268, tradução livre).

É importante ressaltar a contribuição do caribenho Cyril Lionel Robert James (CLR James), de Trinidad e Tobago, para a articulação entre a história haitiana e o marxismo, sobretudo através da clássica obra “Os jacobinos negros” (James, 2010). Além disso, relacionando ao vínculo direto entre Haiti-Brasil, cabe destacar os pesquisadores haitianos, Franck Seguy e Joseph Handerson, que transitam em questões que envolvem a identidade haitiana, explorando perspectivas anticoloniais em diálogo constante com o processo migratório vivenciado no Brasil.

Desta forma, este artigo busca aporte teó-

rico na compreensão das questões que envolvem o processo histórico de emigração da população haitiana para o Brasil, e, em específico, Lages/SC, por meio de uma perspectiva materialista anticolonial, a partir desta construção epistemológica caribenha.

## HAITI: DA REVOLUÇÃO A EMIGRAÇÃO

“Esse país é o quinhão dos homens pretos, e todas as vezes que tentaram tirá-lo de nós, podamos a injustiça a golpes de facão” (Roumain, 2020, p. 65). O trecho do clássico romance haitiano “Senhores do Orvalho”, de Jacque Roumain, ressalta a luta pela emancipação e a resistência da identidade haitiana, temas que ecoam através dos séculos como símbolos anticoloniais. A história do Haiti é emblemática, representando um dos raros casos em que os colonizadores europeus foram derrotados pelas mãos dos nativos. Em diferentes momentos e cenários, potências como França, Espanha e Inglaterra foram confrontadas pela determinação e resistência dos haitianos negros.

Em sua formação original, a Ilha Hispaniola, território que viria a se tornar Haiti – a oeste, e a República Dominicana – a leste, era composto por povos originários da etnia *Tainos*, estes foram rapidamente dizimados pelos primeiros colonizadores, os espanhóis (Grondin, 1985). Com a descoberta

de riquezas nos territórios mexicanos e nos andes, os espanhóis direcionam suas atenções a estes espaços, passando os franceses a ocupar a porção oeste da ilha. Os colonizadores franceses implementaram a produção de cacau, algodão e café a partir da exploração do trabalho de africanos em condição de escravidão. James (2010) aponta a brutalidade no processo de sequestros destas pessoas no seu continente até a ilha de Saint-Domingue (nome dado pelos franceses a este território).

Os escravos eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 23 quilos para evitar tentativas de fuga; então, marchavam uma longa jornada até o mar, que algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. [...] nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro de galerias (James, 2010, p. 22).

Para Mbembe (2014, p. 12) “[...] a espoliação organizada quando, em proveito do tráfico atlântico (século XV ao XIX), homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda”. Segundo James (2010, p. 25), os africanos eram “colocados para trabalhar como animais, [...] alojados também como animais”. Extremamente

lucrativa para os franceses, a colônia chegou a ser responsável por dois terços do comércio exterior da metrópole, essas condições eram frutos do processo de exploração exaustiva da população escravizada, todavia, tal circunstância serviu como um combustível para as revoltas que se iniciam em 1676 e culminam no início do processo revolucionário em 1794. Para James (2010, p. 91):

Os escravos trabalhavam na terra e, como os camponeses revolucionários de qualquer lugar, desejavam o extermínio de seus opressores. Mas, trabalhando e vivendo juntos em grupos de centenas nos enormes engenhos de açúcar que cobriam a Planície do Norte, eles estavam mais próximos de um proletariado moderno do que qualquer outro grupo de trabalhadores daquela época, e o levante foi, por essa razão, um movimento de massas inteiramente preparado e organizado. Pela dura experiência, aprenderam que esforços isolados estavam condenados ao fracasso, e nos primeiros meses de 1791, dentro e nos arredores de Le Cap, eles estavam se organizando para a revolução. O vodu era o meio de conspiração. Apesar de todas as proibições, os escravos viajaram quilômetros para cantar, dançar, praticar os seus ritos e conversar; e então, desde a Revolução, escutar as novidades políticas e traçar os seus planos.

Liderados por Toussaint L’Ouverture, os haitianos conquistam a abolição da escravidão em 1794, e, tornam-se independentes em 1804, por

meio de Jean Jacques Dessalines. O Haiti (nome indígena retomado após a vitória sob os franceses), torna-se o primeiro país do continente a abolir a escravidão, e a primeira república liberta da América Latina. Para Mbembe (2014, p. 36) a Revolução Haitiana “leva até as últimas consequências as ideias, na altura revolucionária, de igualdade racial e de liberdade universal”.

O reconhecimento da independência haitiana no cenário internacional custou caro, os franceses impuseram uma dívida de 150 milhões de francos, que foi integralmente paga pelo Haiti até o ano de 1950. Para Piketty (2020) esta dívida minou qualquer possibilidade de desenvolvimento do país por dois séculos. Além deste empecilho, o país vivenciou sucessões de disputas internas, conflitos e golpes no decorrer do século XIX. No início do século XX, uma ocupação imperialista dos Estados Unidos, sob a ideologia da Doutrina Monroe, impõe quase duas décadas de controle internacional sob o território haitiano. A socióloga haitiana, Suzy Castor (2008, n.p.) afirma que:

[...] o imperialismo nascente leva os Estados Unidos considerarem toda América Latina como sua zona de expansão natural e o Caribe como seu quintal. Assim, em 1915, o desembarque dos marines estadunidenses inicia a ocupação mais longa (1915-1934) na zona do Caribe e América Central.

Para Seguy (2014b) o processo histórico de emigração da população haitiana se inicia a partir desta ocupação imperialista dos Estados Unidos em 1915. Ou seja, o perfil migratório desta população possui raízes no processo de dominação colonialista e imperialista sob o seu próprio território.

No contexto da Guerra Fria, a partir de 1957, o Haiti inicia um nebuloso período, chamado por Gérard Pierre-Charles (2020), como a “papadocracia fundamentalmente fascista”. O autor se refere ao governo de François Duvalier e, posteriormente, Jean-Claude Duvalier, pai e filho conhecidos como “Papa Doc” e “Baby Doc”, apoiado pelos Estados Unidos.

O terrorismo de Estado surgiu assim com características extremamente claras no Haiti e foi classificado como tal pelos cientistas sociais, muito antes de a literatura latino-americana passar a difundir conceitos sobre o fascismo no Chile, na Argentina e no Uruguai. Além disso, desde o início, o referido regime contou com um moderno aparelho de repressão diretamente ligado às redes de inteligência e meios sofisticados da Agência Central de Inteligência (CIA). Na verdade, o duvalierismo foi a forma que os Estados Unidos escolheram para dominar o Haiti durante 29 anos (Pierre-Charles, 2020, p. 42, tradução livre).

O Haiti vivenciou eleições democráticas somente no início dos anos 1990, com a posse de Jean-Bertrand Aristide, ex-padre ligado a Teologia

da Libertação e expulso da Igreja Católica durante o período *duvalierista*. Para Castor (2008, n.p.) a vitória de Aristide “é fruto do grande movimento social. Os excluídos entram em cena pela via real: o sonho de participação política se conquista com a legitimidade popular [...] em eleições críveis”. Entretanto, novos golpes de Estado, com influência direta ou indireta dos Estados Unidos, atormentam a estabilidade do país no final do século XX e início do século XXI.

Em 2004, após novo golpe de Estado que derruba o segundo mandato de Aristide, a MINUSTAH, missão multidimensional criada pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), sob a liderança de militares brasileiros, adentra o território haitiano com vistas a controlar revoltas e conflitos internos. A missão durou até o ano de 2017, e deixou como legado diversas acusações de violações de direitos humanos; não estabilizou os processos eleitorais de forma efetiva; manteve o sistema de segurança pública precário; além do aumento da miséria durante este período (Bezerra, 2016). Para Seguy (2014a, p. 204) este sucessivo processo de intervenção internacional trata-se de uma forma de “recolonização” do país.

Dentre este período, cabe destacar o abalo sísmico que atingiu Porto Príncipe em 2010. A catástrofe destruiu parte significativa da estrutura da capital do país e intensificou o processo de pobreza. Yanick Lahens (2012), escritora haitiana, em

sua obra “Falhas”, questiona de maneira dramática o ocorrido:

Às 16 horas e 53 minutos, na terça-feira 12 de janeiro de 2010, o Haiti deslizou para o horror. O sismo durou um minuto e trinta segundos. [...] E naquele crepúsculo tropical sempre tão disposto a deixar-se devorar pela noite, não pude evitar fazer esta pergunta que me tortura desde então: por que nós, haitianos? Ainda nós, sempre nós? Como se estivéssemos no mundo para medir os limites humanos, diante da pobreza, diante do sofrimento, e sustentarmos-nos por meio de uma extraordinária capacidade de resistir e transformar as provações em energia vital, em criatividade luminosa (Lahens, 2012, p. 61).

Este cenário impulsionou o fluxo migratório da população haitiana, a partir de então, o Brasil passa a receber um expressivo número de migrantes do país caribenho. No contexto atual, o Haiti vivencia uma intensa crise social desde o assassinato do presidente Jovenel Moïse, em 2021. Atualmente há um processo de “gangsterização” no país, tendo 80% da sua capital, Porto Príncipe, dominada por grupos armados (León, 2021). Hoje, o Haiti conta com cerca de 11 milhões de habitantes, sendo que a expectativa de vida média da população é 63 anos; a taxa de alfabetização de adultos é de 62%; a subnutrição atinge 47% dos haitianos; 37% da população dispõe de rede de saneamento básico adequada; e apenas metade dos hai-

tianos possuem acesso à energia elétrica (Banco Mundial, 2021). Para Castor (2008) a deterioração socioeconômica é resultado de um sistema de exclusão da maioria da população. Estima-se que cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do Haiti, é composto pelas remessas de migrantes, sendo a principal forma de entrada de recursos financeiros provenientes da América Latina (Magalhães; Baeninger, 2016).

## MIGRAÇÃO HAITIANA EM LAGES-SC

O pesquisador haitiano Joseph Handerson (2015) identifica a República Dominicana, os Estados Unidos, o Canadá, a Guiana Francesa e, atualmente, o Brasil e o Chile, como um “espaço de mobilidade haitiana” que caracteriza os fluxos da população emigrante. Segundo este autor, determinados espaços devem ser compreendidos a partir da “circulação de bens, das pessoas e da informação entre diferentes polos e suas implicações sobre a construção dos espaços sociais” (Handerson, 2015, p. 92).

Para o território brasileiro, a migração haitiana se inicia, de maneira expressiva, no ano de 2010, após o fenômeno sísmico que atingiu o país caribenho. A partir do ano de 2014, a região sul do Brasil passa a concentrar o maior número de migrantes haitianos no território nacional (Cavalcanti; Tonhati; Oliveira, 2017). A interioriza-

ção da migração haitiana no Brasil também alcança Santa Catarina e o município de Lages, no interior do Estado.

O município de Lages/SC, apresenta uma rica diversidade cultural, fruto da contribuição de várias etnias ao longo de sua história. No entanto, há uma narrativa predominante que enaltece uma tradição específica, enraizada em elementos bandeirantes e gaúchos. Essa narrativa, frequentemente romantizada, tende a apagar a multiplicidade cultural da região, marginalizando e ignorando outras formas de expressão cultural e estrutura social.

Assim como em outras partes do país, neste território também ocorreu um processo de perseguição aos povos originários, os Xoklengs e Kai-gangs, estes foram mortos ou empurrados para outras regiões (Santos, 1973). Posteriormente, houve um movimento de ocupação colonizatória por parte de migrantes luso-paulistas, considerados os fundadores do município; e de africanos e descendentes, estes submetidos ao regime de escravidão (Costa, 2021). Mais tarde, durante o período de industrialização da madeira na metade do século XX, um processo migratório significativo de descendentes de italianos e alemães originários do Rio Grande do Sul e do litoral de Santa Catarina ocorre no município (Martendal, 1980), embora em menor quantidade se comparado a outras regiões do Estado (Munarim, 1990). Além disso, sírio-

libaneses desempenharam um papel importante nesse contexto histórico, porém, numericamente mais limitado que os descendentes de europeus (Locks, 2016). Todavia, o fluxo migratório mais expressivo é o êxodo rural, que ocorre das áreas rurais e municípios vizinhos para a cidade de Lages no decorrer do século XX (Peixer, 2022), engendrando a identidade do caboclo, que consiste no “maior segmento étnico da região” (Locks, 2016, p. 28).

No século XXI, novos fluxos migratórios ocorrem no município, com um registro atual de migrantes africanos, asiáticos e, em sua maioria, latino-americanos, sendo que 142 destes são haitianos (Lages, 2022). O contexto das restrições migratórias nos países centrais do capitalismo e a situação socioeconômica contemporânea do Brasil têm sido fatores de atração para esses migrantes. Especificamente, o desenvolvimento do município, embora limitado em comparação com outras regiões de Santa Catarina, mas significativo em relação ao seu passado, faz de Lages uma área de atração de trabalhadores migrantes.

Os primeiros migrantes haitianos começaram a se estabelecer em Lages em 2014, sendo que o auge desse fluxo migratório ocorreu em 2016. Neste primeiro movimento, entre 2014 e 2015, os migrantes viajavam de maneira ilegal e por diferentes modais até o território brasileiro. Durante este fluxo migratório, o itinerário padrão

da viagem acontecia a partir do cruzamento da fronteira com a República Dominicana por via terrestre; e, de São Domingos, viajam até o Panamá por via aérea; seguiam de avião até o Equador; a partir de então, viajavam em ônibus ou outros veículos, intermediados por agenciadores ilegais (conhecidos como *coiotes*), pelo território peruano até o Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Rota dos primeiros migrantes haitianos



Fonte: Folha de S. Paulo (2014)

De acordo com relatos dos primeiros migrantes haitianos que chegaram à região, indústrias produtoras de maçã e indústria de bens de capital de Santa Catarina os recrutavam no Acre, após cruzarem a fronteira entre Peru e Brasil. Esses relatos revelam similaridades nos processos de recrutamento de haitianos para o mercado de trabalho, sugerindo a padronização das práticas, co-

mo apontado pela pesquisa de Letícia Helena Mamed (2018, p. 86):

Durante a triagem se verificava, por exemplo, o porte físico do imigrante, buscando avaliar a espessura das suas mãos e canelas, o que indicava, segundo o contratante, se a pessoa estava ou não acostumada com o trabalho pesado. Também se observava a condição da pele e, em alguns casos, até a genitália do trabalho, para identificar a presença ou não de hérnias que, de acordo com os avaliadores, manifestava maior ou menor disposição física para a atividade braçal e pesada, e até inviabilizava a execução desse tipo de atividade.

É notória a relação entre os padrões de recrutamento de migrantes recém-chegados ao território brasileiro e os métodos de seleção da população africana escravizada no Haiti e no Brasil em séculos passados. Essa analogia expõe a persistente exploração humana ao longo da história. Traços *reificadores* permeiam essa relação, revelando heranças de desumanização que, embora provenientes do passado, ainda se fazem presentes. Sobre estes processos, René Depestre (1984, p. 271, tradução livre) cita que “a reificação e a alienação ultrapassaram a estrutura econômica e social do trabalho servil para penetrar através dos poros do Negro até às estruturas viscerais da personalidade em pedaços”.

A partir de 2016, o fluxo migratório de haitianos para Lages/SC tende a aumentar com a presença de mulheres (esposa ou familiares dos migrantes já estabelecidos no município) e filhos, que realizam viagens aéreas de maneira legalizada, desde o Porto Príncipe até São Paulo/SP ou até Porto Alegre/RS, com trânsito rodoviário interestadual até o município.

Hardt e Negri (2018, p. 287) identificam que as migrações constituem uma parcela da crise do neoliberalismo:

O número estarrecedor de migrantes e seu sofrimento certamente incriminam governos nacionais e estruturas de governança global, demonstrando até que ponto as vidas das pessoas são tornadas inviáveis pela guerra, pelas dificuldades econômicas e pela perseguição política. As perigosas e dolorosas jornadas da maioria dos migrantes são testemunhos do quão terrível sua situação deve ser. Os números de migrantes servem também para indicar os países dominantes e as instituições globais, que consistentemente falham em oferecer ajuda suficiente aos necessitados.

Estudioso das questões migratórias e da relação destes movimentos com os processos de colonização, em especial no vínculo entre Argélia e França, Abdelmalek Sayad (1998, p. 54), argelino, afirma que um imigrante é “essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisório, temporária em trânsito”. Nesse sentido, há

relação direta entre os processos de migração com a conjuntura geopolítica contemporânea, não se desassocia o processo de exploração capitalista e a relação do trânsito entre as fronteiras.

## A CONDIÇÃO SOCIAL E LABORAL DOS HAITIANOS EM LAGES/SC

O modo de produção capitalista, baseado na exploração da força de trabalho, ou seja, a energia humana empregada no processo de trabalho e, na intensificação da mais-valia (o valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho), sendo essa a fonte do lucro capitalista (Harnecker, 1983), resulta na concentração de riqueza nas mãos de poucos, criando desigualdades econômicas que fundamentam a sua existência e relegam os trabalhadores a condições precárias de vida. Este processo acentua a desigualdade na distribuição de riqueza e as dificuldades econômicas enfrentadas, assim, milhões de pessoas são forçadas a emigrar de seus países, todos os anos (Hardt; Negri; 2018).

A desumanização do neoliberalismo, potencializada pelas questões raciais é descrita por Mbembe (2014, p. 13) como um movimento que “caracteriza-se também pela produção da indiferença, a codificação paranóica da vida social em normas, categorias e números [...] a partir de lógicas empresariais”. Sendo que, “o capital não só

nunca pôs termo à fase de acumulação primitiva, como sempre foi recorrendo a subsídios raciais para a executar” (Mbembe, 2014, p. 50).

Os relatos dos migrantes haitianos trazem evidências do *modus operandi* da fase atual do capitalismo. É perceptível a condição de *superexploração da força de trabalho* e o processo de *alienação-zumbificação* (Depestre, 1984), afastando os trabalhadores de sua relação com o objeto de trabalho, e os colocando em uma posição em que o seu tempo é direcionado para uma intensa busca por recursos a fim de garantir a manutenção de suas vidas e de suas famílias. Para Cadet (2022, p. 66, tradução livre):

Uma análise marxista da zumbificação deve partir de dois elementos: a degradação do ser e o fato deste ser trabalhar para os outros. A primeira explica uma perda da essência do sujeito que não consegue mais realizar determinadas ações. Ele perdeu a subjetividade diante de um outro que o domina. O outro elemento refere-se à exploração. É a intenção principal de qualquer processo de zumbificação. O “zumbi” torna-se realidade num campo de trabalho que o limita. A sua realização nada mais faz do que suprimir a sua existência humana para se colocar ao serviço de um existir consciente e ativo. Esses dois elementos justificam o encontro conceitual entre alienação e zumbificação.

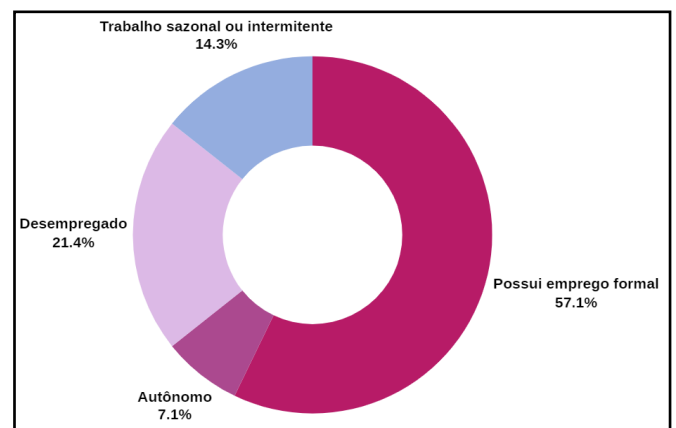
Ao aproximar o diálogo com Marini (1973) compreende-se que a superexploração da força de trabalho é uma forma específica de exploração que ocorre nas economias dependentes da América Latina. Essa superexploração é caracterizada pelo pagamento de salários abaixo do valor da força de trabalho, o que permite aos capitalistas apropriarem-se de uma parcela maior do excedente da produção, aumentando a sua margem de lucro. Essas características impõem uma situação de pobreza à classe trabalhadora. Contudo, a condição do trabalhador migrante é ainda mais precária que o nativo, Mamed (2018, p. 91) afirma que:

[...] ainda que brasileiros e haitianos integrem a mesma classe trabalhadora, a situação do imigrante é sensivelmente agravada pela (a) condição própria de estrangeiro, sem conhecimento da língua, burocracia e legislação trabalhista, o que os torna vítimas fáceis dos circuitos de empregabilidade e superexploração; (b) a necessidade imperiosa de trabalhar, muitas vezes sob quaisquer condições, sendo reféns de assédios e adubos, para conseguir assegurar sua sobrevivência no país e efetuar remessas; (c) sem moradia própria e redes de contatos que facilitem a locação, eles também se tornam alvos

fáceis de especulação imobiliária; (d) complementarmente, o desafio de precisarem conviver e subsistir face a cultura do preconceito racial e social no país.

Com base nos relatos dos migrantes haitianos residentes em Lages/SC, a dificuldade central para esta população está na insuficiência salarial, que representa um desafio para a manutenção de suas vidas no Brasil e para o envio de remessas financeiras às suas famílias no Haiti (Figura 2).

Figura 2 – Situação do migrante haitiano quanto ao trabalho em Lages-SC



Fonte: Autores (2024)

O primeiro migrante haitiano a se estabelecer em Lages, em 2014, foi Petite Rivière<sup>3</sup>, atualmente é operador de empilhadeira em um supermercado. O pioneirismo de Petite Rivière não apenas evidencia as mudanças nas configurações quanto à seguridade de direitos trabalhistas na

última década, como também traz consigo relatos de exploração laboral e até mesmo violência cometida em ambientes de trabalho.

[...] tem muitas coisas erradas aqui na cidade. Os “*chefão*” dos serviços, os “*patrão*” faz o que quiser. Na época que cheguei não tinha muito caso aqui (violência laboral), mas esse caso é o primeiro que aconteceu e foi resolvido na hora. Isso foi em 2015.

Você percebe que o direito do trabalhador tenha diminuído?

Não é diminuído, foi tirado, não tem mais direito pra nós trabalhadores.

Você percebe isso com haitianos e brasileiros?

Eu percebo pra nós, no caso, pra nós, pode acontecer pra brasileiro, porque tem coisa que eu não sei a finalidade das pessoas, dos brasileiros, mas pra nós é muito diferente. Onde você vê um patrão levantar a mão pra bater num funcionário, onde você vê isso? Nunca vi um brasileiro dizer que um patrão levanta a mão pra bater neles. Mas com haitiano já aconteceu, não é só uma vez, não é só um (Petite Rivière, 38 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

A experiência relatada por Petite Rivière deve ser apresentada no cenário das rupturas políticas e suas implicações sobre os direitos dos trabalhadores. Para Ricardo Antunes (2018), as mudanças na legislação trabalhista nos últimos anos

impostas a partir do governo de Michel Temer, que ascendeu ao poder por meio de um golpe de Estado, e intensificadas pelo governo de Jair Bolsonaro, seguem a pauta imposta pelo grande capital, as reformas possuem como objetivo privatizar empresas estatais, preservar os interesses dominantes e suprimir direitos trabalhistas, trata da “demolição completo dos direitos do trabalho no Brasil” (Antunes, 2018, p. 269). Conforme o autor “o objetivo perfilado pelo governo de Michel Temer, no universo das relações de trabalho, é corroer a CLT e cumprir a “exigência” do empresariado [...], cujo objetivo não é outro senão implantar a sociedade da precarização total do trabalho no Brasil” (Antunes, 2018, p. 269-270).

Nas relações de trabalho, os migrantes tendem a ter um tratamento ainda mais opressivo que o trabalhador nativo. Neste cenário, o migrante torna-se uma força de trabalho facilmente explorável. Harvey (2008, p. 181) afirma que “no âmbito da neoliberalização, emerge no cenário mundial a figura prototípica do trabalhador descartável”.

Os migrantes haitianos relatam que, no geral, há disponibilidade de emprego, porém, o salário é baixo. A questão do trabalho e a remuneração insuficiente para as demandas no Brasil e no Haiti são apontadas como um dos fatores de dificuldade para a inserção dos haitianos em Lages. Abaixo, algumas respostas dos migrantes para a

seguinte pergunta: “Qual a maior dificuldade para o haitiano morar em Lages?”

Aqui em Lages... é o trabalho, trabalho especificamente, porque eu sei que os haitianos vêm aqui pra trabalhar, porque na cabeça deles mesmo é pra trabalhar, porque vem aqui, deixa família, deixa criança, esposa lá no Haiti e vem aqui pra começar uma vida nova pra poder sustentar melhor lá (Fonds-Verretes, 34 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 19 de agosto de 2023).

Eu acho que o mais difícil mesmo é o trabalho, que já entra também essa parte que é um pouquinho de preconceito também, até pra conseguir um trabalho é bem difícil (Aquin, 28 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 28 de agosto de 2023).

Problema de trabalho, salário (Miragoâne, 24 anos, migrante haitiana entrevistada no dia 28 de agosto de 2023).

A gente trabalha muito e recebe pouco, é muito pouquinho (Bainet, 33 anos, migrante haitiana entrevistada no dia 28 de agosto de 2023).

Pra mim é o dinheiro. Porque aqui, assim, no Haiti se está doente, interna no hospital, não vai conseguir aguentar, a gente paga cama, médico, tudo é particular. A maioria lá é só dólar. Tem pessoas que tem filho aqui e se deixar um filho lá, esposa lá, não vai conseguir aguentar pagar escola, lá é tudo caro. Tudo paga (Les Cayes, 35 anos, migrante haitiana

entrevistada no dia 12 de agosto de 2023).

Pra mim é a financeira (Ennery, 40 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

O salário... salário que é mínimo, não paga bem. E quando veem que a pessoa é estrangeira, deixam muita coisa pro estrangeiro fazer. [...] Eu tenho três anos aqui em Lages, neste mês fez um ano de carteira assinada, não achei serviço quando cheguei aqui, dois anos sem serviço, só ele (esposo) que trabalha, agora eu tenho um ano lá no serviço (La Chapelle, 37 anos, migrante haitiana entrevistada no dia 17 de agosto de 2023).

Submetido a uma jornada dupla de trabalho, o haitiano Aquin trabalha em uma indústria papeteira durante o período noturno e é motorista de aplicativos no seu contraturno. Sobre o processo de *uberização* do trabalho, Antunes (2023, p. 520-521) afirma que:

[...] no sistema Uber, os/as motoristas não podem recusar as solicitações (em geral tem um limite de três recusas, desde que justificadas), já que, ao fazê-lo, correm o risco de serem demitidos, “desligados” unilateralmente pela plataforma. Cria-se, desse modo, uma disponibilidade enorme para o labor, possibilitada pela expansão do trabalho on line, digital, pelos “aplicativos” e plataformas que se utilizam cada vez mais intensamente dessa força de trabalho sobrando que, entretanto, é apresen-

tada pelas plataformas como “prestadora de serviços”, “trabalho autônomo”, configurando modalidades de trabalho que mascaram o trabalho assalariado, individualizando-o, invisibilizando-o e, assim, escapando da legislação social do trabalho existente nos países onde estas plataformas atuam.

O trabalho informal, num contexto de complementação de renda, também é uma realidade para outros haitianos, como o caso de Gonaïves, que trabalha em uma empresa de transformação e comércio de embalagens plásticas e faz reparos gerais em outros horários. Para Vendramini (2018, p. 247), o trabalhador migrante, segmentado social e cultural, constitui “uma das populações mais vulneráveis na atualidade e por isso mesmo reforçando a subordinação geral da classe trabalhadora”.

Outras possibilidades laborais são identificadas para aqueles que possuem a possibilidade de se capacitar profissionalmente no Brasil ou detêm formação em outros países, como o caso de Fonds-Verretes, o migrante trabalhou como professor de língua espanhola na República Dominicana, e atualmente é professor de língua francesa em uma escola de idiomas em Lages, além de ser agricultor urbano, fazendo parte da cooperativa *AGRILAGES*<sup>4</sup>, por meio da qual comercializa produtos orgânicos.

[...] eu sou produtor também de produtos eco-

lógicos, legume e verdura [...] faço parte da *AGRILAGES*, que é associação produtores em Lages. Tem uma relação com a Secretaria de Agricultura Familiar aqui, e a gente está sempre junto, participando dos eventos, entregando na merenda escolar, essas coisas também, a gente acaba aprendendo bastante coisas, socializa muito mais com o povo brasileiro em comum.

A questão econômica é o elemento principal que motiva os haitianos a emigrarem de seu país. Relatado em todas as entrevistas, há uma constante quanto a finalidade deste fenômeno migratório, consistindo, principalmente, em três objetivos:

- Buscar uma melhor condição econômica para a família nuclear no Brasil ou Haiti;
- Envio de dinheiro para sua família, nuclear ou extensa, no Haiti;
- Levantamento de recursos (poupança e empréstimos com outros migrantes) a fim de subsidiar a vinda de familiares (geralmente esposa e filhos) para o Brasil.

Em maior ou menor escala, para todos os migrantes haitianos há um destino certo para uma parcela significativa de seus ganhos: o envio de recursos financeiros para familiares no Haiti. Algumas famílias dependem exclusivamente do migrante que está fora do Haiti, como é o caso de

Saint-Marc, trabalhador sazonal em pomar de maçãs.

A minha história é complicada, eu não tenho filho, tenho afilhada. A minha família é complicada, meu pai não pode mais trabalhar. A casa... a família está no meu braço, pai, mãe, está no meu braço. Todos os meses a gente tem que mandar (dinheiro), porque eu sei o que tem e o que não tem na casa. A comida, eu sei quantos pode ficar, quantos dias não pode ficar, não pode faltar, entende? Então, a gente tem que fazer qualquer serviço que encontra rapidamente para poder manter a casa. Às vezes chega no mês e o dinheiro não entra, eu tenho que procurar um amigo para entregar um dinheiro lá em casa para eu ter paz. Porque a minha mãe já falou pra mim: “agora a casa é sua, a família está no seu braço, eu não tenho como fazer nada” e o meu pai chamou: “meu filho, você vai me desculpar, você já sabe, sofro com doença”, eu disse “que isso, não tem problema, acontece”. Você tem que achar uma maneira de ajudar a família (Saint-Marc, 34 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

Sobre a necessidade de auxílio financeiro aos familiares no Haiti, os demais entrevistados, ao serem perguntados se enviam recursos financeiros mensais, afirmaram que:

Todo mês, no que consigo serviço tem que repartir o pão, quem está no Haiti e quem está aqui, e pra pagar aluguel... coisa... sozinho, não

cansa. Tem momento, patrón, que lá na empresa... pega férias... eu não consigo sentar em casa pra descansar um pouco, trabalho direito pra conseguir dinheiro pra manter a comida deles (Gonaïves, 49 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

Eu mando cada mês duas vezes. Porque minha esposa não trabalha. Tem que pagar conta lá no Haiti, pagar criança também... pagar escola para elas. Tudo isso... mando duas vezes. Minha mãe também... meu pai não enxerga, tem problema de visão, não enxerga, fica em casa, nunca sai, se não tem alguém pra sair com ele, não consegue caminhar sozinho. Minha mãe também... ela enxerga... ela aluga casa também, eu pago aluguel pra ela também. É difícil (Bassin-Bleu, 35 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 17 de agosto de 2023).

Sim, mando todos os meses (Les Cayes, 35 anos, migrante haitiana entrevistada no dia 12 de agosto de 2023).

Mais ou menos, por mês, R\$ 600,00 que eu mando para minha mãe. O Western Union e MoneyGram que usa para mandar o dinheiro lá (Jean-Rabel, 39 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

Mensalmente tem obrigação que mandar dinheiro pra ela (filha) comer e os outros, tipo assim, eu tenho que mandar R\$ 500,00 esse mês e eu não tenho, tenho que fazer uma força pra mandar R\$ 300,00 mas sempre tem que mandar (Ennery, 40 anos, migrante haitiano

entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

Preciso, porque temos parente, mãe... temos os irmãos também, que às vezes precisam e tal, temos que ajudar. Claro que não é todo mês, mas a gente manda alguma coisa. Nossa obrigação também, né... o valor vai variando (Aquin, 28 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 28 de agosto de 2023).

Não tem certo, só se eu quiser mandar US\$100 esse mês, mês que vem US\$50... fica bom (Pétion-Vile, 37 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 01 de setembro de 2023).

Sim, às vezes (Miragoâne, 24 anos, migrante haitiana entrevistada no dia 28 de agosto de 2023).

Às vezes, não é frequente mandar porque quase todos nós estamos aqui no Brasil agora. Uma família grande, de sete filhos, é um time grande, praticamente somos seis aqui no Brasil. Tem uns que moram lá em Balneário, uns em São Joaquim, eu em Lages (Fonds-Verretes, 34 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 19 de agosto de 2023).

Cabe destacar a necessidade de combater a precarização do trabalho dos migrantes haitianos, impedindo que sejam relegados a uma condição de subclasse trabalhadora. A inclusão e integração desses novos membros na sociedade local são fundamentais para garantir que possuam os mesmos direitos, oportunidades e representação

que os trabalhadores locais. Pois, conforme afirma Harvey (2014, p. 249): “a luta pelos direitos coletivos dos cidadãos (como os dos trabalhadores imigrantes) deve ser vista como parte integrante da luta de classes anticapitalista”.

Ao serem questionados quanto ao preconceito, se já sofreram ou perceberam alguma postura racista ou xenófoba perante o migrante haitiano, 28% dos entrevistados apontaram que ocorreu algum tipo de situação que fosse interpretada desta forma. Majoritariamente, os migrantes identificam solidariedade da população lageana com o estrangeiro, todavia, é possível avaliar que, entre outros relatos, como nas dificuldades específicas aos migrantes nas relações de trabalho, a questão racial e da nacionalidade está inserida.

Já! Já aconteceu. Primeiramente que aconteceu comigo, lembrei quando comecei aqui, no momento que eu fiquei dependendo de ônibus mesmo, primeiro preconceito que eu comecei a ver, na hora que eu estava no ônibus e aí as pessoas... por exemplo, se tiver uma pessoa sentada em um banco livre, sentei e no outro lado, a pessoa prefere ficar em pé do que ficar sentado. [...] tem uma coisa que estava acontecendo era o aluguel, aluguel chegou um momento antigamente, aluguel era... tem lugar, tem pessoa que aluga casa pra nós bem tranquilo. Mas tem pessoa que, a mesma casa pra alugar, eles não alugam pra você (Petite Rivière, 38 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 12 de agosto de 2023).

Eu acho que o mais difícil mesmo é o trabalho, que já entra também essa parte que é um pouquinho de preconceito também, até pra conseguir um trabalho é bem difícil, sempre estão olhando do tipo: “ah, haitiano, não sei o que...” essa parte já entra, digamos assim, racismo, entendeu? No trabalho aqui os haitianos sofrem bastante, até achar um emprego bom pra trabalhar, entendeu? Que pague bem. E tem umas empresas também, que eu não trabalhei, mas que ouvi falar que tem haitianos que trabalham lá que, por exemplo, fazem hora-extra e não pagam. Essa parte do trabalho aqui, os haitianos... não sei se só os haitianos, mas os estrangeiros sofrem bastante (Aquin, 28 anos, migrante haitiano entrevistado no dia 28 de agosto de 2023).

As experiências relatadas acima, compõem um panorama que demonstra os detalhes racializados nos quais está estruturada a presença do migrante haitiano no Brasil. Para Silvio Luiz de Almeida (2019), o racismo está incorporado nas estruturas sociais, sendo assim, se manifesta nas instituições, na política, nas relações sociais e em outros aspectos da vida cotidiana. Esse sistema produz ainda mais desigualdades para a população negra, sendo possível afirmar que essa situação é potencializada aos migrantes negros. Sobre a relação entre racismo e as questões laborais, o autor afirma que:

[...] o racismo normaliza a superexploração do trabalho, que consiste no pagamento de remuneração abaixo do valor necessário para a reposição da força de trabalho e maior exploração física do trabalhador, o que pode ser exemplificado com o trabalhador ou trabalhadora que não consegue com o salário sustentar a própria família ou o faz com muita dificuldade, e isso independentemente do número de horas que trabalhe. A superexploração do trabalho ocorre especialmente na chamada periferia do capitalismo, onde em geral se instalou uma lógica colonialista. O racismo, certamente, não é estranho à expansão colonial e à violência dos processos de acumulação primitiva de capital que liberam os elementos constitutivos da sociedade capitalista (Almeida, 2019, p. 105-106).

Rene Depestre (1984) faz uso de conceitos trabalhados por Frantz Fanon (2008), por meio de um diálogo em contexto histórico, a fim de analisar diferentes formas de opressão à população negra e aos oprimidos, através do racismo e da exploração do trabalho.

Pelo processo de epidermização e de racialização de luta de classes e suas representações na consciência social de nossos povos, as realidades reificantes do capitalismo, que, nos tempos modernos, determinaram, em todo o mundo, as relações entre opressores e oprimidos, modelaram, nas sociedades escravistas das Américas, um tipo de condição negra marcada por níveis de opressão, de reificação, de alienação,

mais complexos, mais constrangedores que os que pesavam sobre as outras camadas oprimidas da sociedade colonial: mulatos alforriados e brancos pobres, ou por aqueles que por que na mesma época, passavam os trabalhadores assalariados metropolitanos. Este estado de servidão se caracterizou a partir de experiência e formas singulares de uma consciência infeliz: um novo tipo de sofrimento e de solidão, de humilhação e de recusa de si, de vergonha e de angústia patológica. A época histórica da escravidão americana produziu, nas plantações do continente, os tipos sociais e raciais de que necessitava: mestres (brancos), escravos negros, e os tipos intermediários de pequenos brancos e de mulatos livres ou alforriados. Esses diversos tipos e categorias da divisão colonial do trabalho, confrontadas nas suas relações, com um sistema específico de contradições (Depestre, 1984, p. 268, tradução livre).

Frantz Fanon (2008) considera que a tomada de consciência da população negra parte das realidades econômicas e sociais. Para Fanon (2008, p. 28): “só há complexo de inferioridade após um duplo processo: inicialmente econômico; em seguida pela interiorização, ou melhor, pela *epidermização* dessa inferioridade”. A partir desta afirmação, compreende-se que as questões materiais da vida humana são os pilares que sustentam a desigualdade entre as sociedades, todavia, o racismo, engendrado a partir dos processos de escravidão nas américas, intensifica as lutas históricas por libertação e, contemporâneas, por justiça social, étnico-racial e igualdade.

## CONSIDERAÇÕES

Situada no Estado de Santa Catarina, o município de Lages é marcado pela herança bandeirante e gaúcha em sua narrativa hegemônica, todavia, detém um importante processo multiculturalista em sua história. Além da identidade cabocla enraizada e da presença de descendentes europeus, o município também possui em sua história a forte representação da população negra. A partir de 2014, presenciou a chegada do movimento migratório haitiano, que atingiu seu ápice em 2016. Inicialmente composto majoritariamente por homens, o grupo possibilitou o reencontro familiar com a posterior chegada de mulheres e crianças. Essa pluralidade cultural enriquece o tecido social lageano e desafia a homogeneidade cultural muitas vezes associada à região.

Nas entrevistas realizadas, foi observado que a principal motivação da população haitiana em Lages é a busca por melhores condições econômicas para suas famílias, as quais residem junto a eles no município. Além disso, os migrantes também buscam enviar recursos financeiros para outros familiares que permanecem em seu país de origem, também há casos em que buscam recursos para trazê-los ao Brasil. Quanto à integração no mercado de trabalho, mais da metade dos migrantes haitianos entrevistados estão atualmente empregados formalmente. Eles estão distribuídos

tanto no setor secundário, especialmente nas indústrias, quanto no setor terciário, principalmente em restaurantes. Entretanto, alguns entrevistados mencionaram situações de superexploração da força de trabalho e, até mesmo, casos de assédio moral. Em várias ocasiões, os entrevistados ressaltaram que, devido à condição de serem migrantes, enfrentam condições laborais ainda mais desfavoráveis, e alguns identificaram o racismo como um fator que agrava essa situação.

A premissa fundamental desta população é a existência e a resistência, mesmo estando distante de seu território natal, os migrantes haitianos carregam consigo uma parte do Haiti. Sua presença nos espaços sociais representa um convite para que a história e a agenda de Lages incorporem a cultura e a memória desse país caribenho. É crucial lembrar constantemente da importância histórica do Haiti como um farol da libertação dos povos oprimidos, especialmente em um mundo onde impérios colonialistas e escravistas dominavam e a exploração do capital ainda se mantém.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho? **Análise Social**, Lisboa, v. 58, n. 248, p. 512-532, nov. 2023. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/33535>. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2023248.04>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Haiti**: World Bank Open Data, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/haiti>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BEZERRA, Livia Morena Brantes. Cooperação Internacional e a disputa do desenvolvimento no Haiti. **Nera**, Presidente Prudente, n. 34, p. 107-118, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4980/4137>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- CADET, Jean-Jacques. **Le Marxisme Haïtien**: marxisme et anticolonialisme en Haïti (1946-1986). Paris: Delga, 2020.
- CADET, Jean-Jacques. Marxismo no occidental y alienación. *In*: BÓRQUEZ, María Elvira Concheiro; CORDERO, Mauricio Sandoval; CHÁVEZ, Víctor Hugo Pacheco. **El ejercicio del pensar**: marxismos caribeños y afrodiaspóricos. Buenos Aires: Clacso, 2022.
- CARVALHO, Caroline Spagnolo. Diálogos entre marxismo e decolonialidade na América Latina: Em busca de uma práxis revolucionária. *In*: **Anais [...]** XVII Congresso Internacional Do Fomerco. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. Disponível em: <https://www.congresso2021.fomerco.com.br/site/capa>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- CASTOR, Suzy. **A transição haitiana**: entre os perigos e a esperança. Encarte CLACSO. Cadernos da América Latina. São Paulo: CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2008.
- CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. Migração no Sul Global: haitianos no mercado de trabalho brasileiro. **Terceiro Milênio**: Revista Crítica de Sociologia e Política, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 103-129, jan. 2017. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/9>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- COSTA, Licurgo. **O continente das Lages**: sua história e influência no sertão da terra firme. 2. ed. Lages: Graphel, 2021.
- DEPESTRE, René. Bonjour et adieu à la négritude. *In*: **L'Afrique en Amérique Latine**. Paris: Georges Thone S.A., 1984.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOLHA DE S.PAULO. **Acre vai fechar abrigo para imigrantes**. Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/04/1439034-acre-vai-fechar-abrigo-para-imigrantes.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- GRONDIN, Marcelo. **Haiti**: cultura, poder e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense S. A., 1985.
- HANDERSON, Joseph. **Diáspora**: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015. 430 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Assembly: a organização multitudinária do comum**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.
- HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do Materialismo Histórico**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1983.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LAGES. Delegacia de Polícia Federal de. **Ofício nº 5/2022/DPF/LAGES**. Lages, 2022.
- LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília: FUNAG, 2012.
- LEÓN, Camila Valdes. **Além de Jovenel Moïse**. Assassinos, tiroteios, execuções: a quem interessa a gangsterização do Haiti? Diálogos do Sul, 2021. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/america-latina/70510/alem-de-jovenel-moise-assassinatos-tiroteios-execucoes-a-quem-interessa-a-gangsterizacao-do-haiti>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- LOCKS, Geraldo Augusto. Uma análise antropológica da formação social e do desenvolvimento socioeconômico de Lages e da Serra Catarinense. *In*: YAMAGUCHI, Cristina Keiko; TURRA, Neide Catarina; STRASSER, Andréia Teresinha Borges (Org.). **Visão contemporânea e sustentável da Serra Catarinense**. 2. ed. Lages: Uniplac, 2016.
- MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BAENINGER, Rosana. Imigração haitiana no Brasil e remessas para o Haiti. *In*: BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- MAMED, Leticia Helena. Haitianos no Brasil: a experiência da etnografia multisituada para investigação de itinerários migratórios e laborais sul-sul. *In*: BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Marxists, 1973. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialetica.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- MARTENDAL, José Ari Celso. **Processos Produtivos e Trabalho-Educação**: a incorporação do caboclo catarinense na indústria madeireira. 1980. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1980.

- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- MUNARIM, Antonio. **A práxis dos Movimentos Sociais na região de Lages**. 1990. 323 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.
- NDOMBELE, Eduardo David Tulo. Negritude: contributo para o resgate da identidade cultural em África. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 17, n. 9, p. 49-66, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/4737>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. Lages: Uniplac, 2002.
- PIERRE-CHARLES, Gérard. **Haití: pese a todo la utopía**. Buenos Aires: Clacso, 2020.
- PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- ROUMAIN, Jacques. **Senhores do Orvalho**. São Paulo: Carambaia, 2020.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. 399 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014a.
- SEGUY, Franck. **Franck Seguy**. YouTube, 2014b. Disponível em: <https://www.youtube.com/@franckseguy1021/videos>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- TABLADA, Carlos. **O marxismo de Che Guevara**. Ciudad de Panamá: Ruth Casa Editorial, 2017.
- VENDRAMINI, Célia Regina. A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 239-260, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/T5Yt59NKzLLj8j8vLKv9jzw/?lang=pt#>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p239>. Acesso em: 20 jan. 2024.

## NOTAS

---

<sup>1</sup>Este artigo é baseado em trechos da dissertação do autor.

<sup>2</sup>Conforme parecer favorável do Conselho de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil, nº 6.223.706 de 07 de agosto de 2023. Entre agosto e setembro de 2023, foram entrevistados 10% da população haitiana residente no município de Lages/SC, ao todo, foram entrevistados 14 migrantes.

<sup>3</sup>Para esta pesquisa, os nomes dos haitianos entrevistados foram substituídos por nomes de cidades haitianas, mantendo o anonimato necessário para a pesquisa, conforme determina a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

<sup>4</sup>Associação de agricultores familiares de Lages/SC.